

# Cesare Pavese – A noite

Mas a noite de ventos, a límpida noite  
que a lembrança roçava de leve, é remota,  
é lembrança. Perdura uma calma aturdida,  
um sossego de folhas e nada. Do tempo  
que ultrapassa a lembrança só resta um difuso  
relembrar.

Certas vezes retorna no dia,  
numa imóvel clareza de um dia de estio,  
esse espanto longínquo.

Da janela vazia  
o menino mirava as colinas na noite,  
frias e negras, e olhava espantado o maciço:  
vaga e límpida imobilidade. Entre as folhas  
farfalhando no escuro, surgiam os cerros  
onde todas as coisas do dia, as encostas  
e os vinhedos e o verde, eram claras e mortas  
e o viver era um outro, de vento, de céu  
e de folhas, de nada.

E às vezes retorna  
no sossego parado de um dia a lembrança  
dessa vida alheada na luz espantosa.

**Cesare Pavese, Trabalhar cansa – Tradução, Maurício Santana  
Dias**